

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
REDATOR PRINCIPAL - ALEXANDRE VIEIRA

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III - Número 898

Quarta feira, 26 de Outubro de 1921

PREÇO 5 CENTAVOS

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2

Lisboa - PORTUGAL

Eadero telegráfico Talhava-Lisboa - Telefone 5339

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor - CARLOS MARIA COELHO

## As nossas aspirações

# AC. G. T. e a instrução primária

### E' necessário renovar a mentalidade do povo se quizermos preparar um futuro melhor

A Confederação Geral do Trabalho, como se sabe, fez a publicar em suplemento da *Batalha* uma nota oficiosa, concretizando, perante a opinião pública e o governo que acaba de subir, após uma revolução triunfante, as caderas no poder, as aspirações mais instantes do proletariado que um regime burguês pôde, se quiser, satisfazer.

Organismo criado para a luta económica, a ação da C. G. T. tem infelizmente influências morais e sociais. É pela transformação económica da sociedade, num sentido mais perfeito, que nós pretendemos melhorar o moral dos indivíduos, sabido como é que o homem é melhor ou pior segundo as suas condições materiais de vida.

O sindicalismo é, assim, qualquer coisa de orgânico na vida dos povos. Ele também a mais poderosa força renovadora da sociedade, porque longe de pretender endireitar o mundo com meia dúzia de leis elaboradas num parlamento, quasi sem conhecimento dos interessados, para o povo acatar e obedecer servilmente, pacificamente, ou pela força das baionetas, antes recebe a inspiração directa do verdadeiro povo — aquela que trabalha manual ou intelectualmente — que por intermédio das suas organizações, num esforço conjunto tenta pôr em prática os seus ideais, mas nobres, pretende satisfazer as suas necessidades mais ins-

piradas, assim como as ações dos indivíduos são melhores ou piores, mais ou menos utéis, mais ou menos perfeitas, de conformidade com as suas aptidões intelectuais e físicas, outro tanto acontece com a ação dos sindicatos, formados pelos indivíduos; com as federações e uniões formadas por sindicatos e finalmente com a Confederação formada pelas federações e uniões.

O sindicalismo nenhum esforço se perde. A ação de um ou mais indivíduos, de um ou mais sindicatos, transmite-se através dessa rede sensível, constituída pelas malhas estreitas da solidariedade, na ação da Confederação Geral do Trabalho. O sindicalismo é o regime que perfeitamente se adapta aos indivíduos. O sindicalismo parte da vontade livre do homem para a sociedade; nega, pois, a autoridade. A Confederação é, assim, a soma dos esforços e da vontade de cada indivíduo associado. O indivíduo actua — a Confederação actua. Os trabalhadores afrouxam na luta pelo progresso — a Confederação afrouxa.

Para que a ação dos trabalhadores, no sentido da sua emancipação económica, seja profícua é necessário que a sua mentalidade seja esclarecida e desempoiada. Foi essa a razão forte que levou a Confederação Geral do Trabalho, consciente das necessidades imediatas do povo, porque é constituída apenas por gente do povo, juntamente com reclamações de caráter social e económico, formular, perante a opinião pública e os governantes que prometem atender a essas necessidades imediatas, a reclamação importantíssima da reforma imediata da instrução e educação populares.

A Confederação Geral do Trabalho chama a atenção do profissional primário, de todos os pedagogos e do país, para esta reclamação fundamental. Ela é, neste momento em que a burguesia líquida a ferro e fogo as suas questões a prova mais clara e evidente da que o nosso revolu-

Vida nova, processos velhos

## Censura à imprensa

Recebemos, na madrugada de ontem, o seguinte ofício:

Comando Militar de Lisboa. — Sr. director do Jornal *A Batalha* — Tendo sido determinada pelo governo a censura à imprensa de Lisboa, digne-se V. enviar desde amanhã provas das publicações periódicas dessa Empresa ao Comissário Geral da Polícia Cívica para ser feita a censura prévia.

Saúde e Fraternidade. — Quartel do Comando Geral da G. N. R. no Carmo. — Lisboa, 25 de Outubro de 1921. — O Comandante Militar de Lisboa (a) Ernesto Maria Vieira da Rocha.

Horas depois fomos informados que o sr. presidente do ministério deliberara retirar a censura que o governo tinha deliberado mandar aplicar à imprensa.

Embora a censura não tivesse chegado a ser exercida, não deixamos de verberar a extranha liberalização.

Uma revolução que como esta se afirmou democrática não podia, sem se desmentir, tomar uma medida iníqua, eminentemente reacionária, fundamentalmente anti-democrática.

A censura seria a maior censura feita ao governo que a decreto. O silêncio que ela impõe à imprensa era imoral. Não pode compreender-se a singular mania de quando em vez se mitareu as monarquias sopitadas num passado longíquo.

Um governo, que promete entrar em vida nova, não podia entrar mais desastradamente do que entrou com a intromissão absurda de velhos e desacreditados professores.

**AOS NOSSOS PROFESSORES**

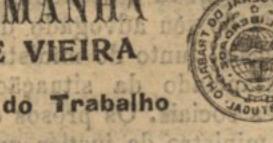
Uma demonstração em Varsóvia

Os professores de tendências radicais da Polónia fecharam no dia 9 de Outubro as suas escolas, organizando uma demonstração contra o ensino dado actualmente.

Os professores organizados nas associações reacionárias protestaram contra esta demonstração, dizendo que «uma reforma do ensino é agora impossível, porque o governo não dispõe de dinheiro para esse fim».

Ver na 3.ª página o nosso folheto

**A revolta da carne**



Quarta feira, 26 de Outubro de 1921

PREÇO 5 CENTAVOS

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2

Lisboa - PORTUGAL

Eadero telegráfico Talhava-Lisboa - Telefone 5339

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor - CARLOS MARIA COELHO

# O interesse e as revoluções

## O ideal do parasitismo

As revoluções estão em moda. Não nessa moda fútil e transitória que o lâpiz endiabrado dos desenhistas parisienses modifica todos os anos, várias vezes por ano.

Se as revoluções só estivessem em moda, já há muito tinham que desaparecido. Mas, infelizmente, não estão. Uma moda não tem personalidade heroica para resistir, imutável, onze anos!

A revolução entrou nos costumes e neles tam enraizada está que se deles saisse, a fome habitaria muito tempo nos lares dos revolucionários profissionais.

Desde a primeira das revoluções que dentro da república teem estoirado que se vem preguntando para que servia ela, visto que tudo de nomease ficou.

Para nada — concluem muitos. Não é assim. Se elas não servissem para alguma coisa já há muito que tinham deixado de existir.

A política portuguesa gira em volta de interesses individuais ou em nome dos interesses de núcleos de indivíduos. As revoluções passam e o eixo da política continua sendo o interesse.

O funcionalismo público tem durante a república aumentado desmedidamente. O ideal para muitos que nesta terra nasceram é o emprego público. E como se conseguisse um emprego público? Realizando uma revolução. As revoluções sucedem-se e o funcionalismo continua aumentando.

O sr. António Granjo, discursando dias antes de rebentar o último movimento revolucionário, pronunciou as seguintes palavras:

— Estou aqui há uma hora e ainda ninguém me pediu um emprego!

Nesta frase está toda a história política da república.

A revolução passou sobre o seu cadáver e o sr. Manuel Maria Coelho que lhe sucedeu no governo queixa-se, e amargamente, que recebeu uma carta do comité revolucionário impondo-lhe várias noções.

Igualmente se confessa o sr. Coelho admirado da desfaçatez com que certos revolucionários foram pedir-lhe empregos.

O sr. Coelho pode sentir-se indignado, mas um homem como ele experimentado nos bastidores da política não pode nem deve confessar-se admirado.

Em que revolução via ele um ideal a animá-la? Nesta terra as nobres questões de ideal servem para ocultar os mesquinhos fins de interesse para os que dentro do terreno político combatem.

Na política portuguesa tudo que se agita em nome dum ideal se converte sempre em razões metafísicas.

Examine-se a revolução de 5 de Outubro, recordem-se os discursos com que se preparou a queda da monarquia. O ideal, ainda o ideal, sempre o ideal. A república tinha os corações de ouro, uma alma simples e justa.

Triunfa a república. E o que resultou dessa revolução? A muitos parecerá que foi a queda do regime monárquico. Aparentemente assim foi. Mas na realidade substituiu-se apenas uma clientela por outra.

Essa clientela incompatibilizou-se porque não havia nas possibilidades orgânicas razão que bastasse à sua gula. Por isso ela se dividiu em grupos e se sub-dividiu em grupelhos.

O ideal gritado, clamado, afirmado no tempo da monarquia despareceu. A maioria republicana boa vontade não será capaz de descobrir um poucochinhe do ideal nestes onze anos sangrentos, plenos de lutas.

O interesse, ainda o interesse, sempre o interesse.

Não queremos pôr em dúvida as qualidades governamentais do sr. Manuel Maria Coelho, nem estamos tentados a afirmá-las porque as desconhecemos.

A política, que neste país se cifra em substituir o A pelo B, não nos interessa é ato nos causa repulsa.

Mas não percebemos porque razão substituem um homem por outro, homem sem terem a menor garantia da sua competência para o cargo que ocupa.

O sr. Manuel Maria Coelho, que recebeu a carta do comité revolucionário impondo nomeações e que foi visitado por revolucionários que lhe pediram empregos, pode atestar a justeza das nessas afirmações.

Hoje admira-se da sua desfaçatez e da sua venalidade.

Não tardará, a habituar-se e até atenderá muitas das pretensões venais que afirma ter exortado com indignação.

Pode lá haver política mais venal, mais corrupta que esta?

E como não há outra, o sr. Coelho terá de consentir essa corrupção e de transigir com essa venalidade.

Se não outra revolução surgiria...

Produção dos Operários Chapeleiros A Social.

Grémio Excursionista Oriental, Confraria de Resistência dos Caixeiros Portugueses, Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Cooperativa dos Catracas do Porto de Lisboa, Associação Humanitária Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Sociedade de Excursões & Comércio Luso-Espanhol, Grémio Excursionista 28 de Janeiro, Sociedade de Classe dos Funcionários Públicos, jornais «O Arsenalista», «O Eco do Arsenal», «A Comuna», do Porto, todas as secções de «A Batalha», etc., etc.

### Várias notas

O chauffeur Manoel Lopes Cardoso Claro, que se encontra preso na Relação do Porto, devido a uma tremenda injustiça e a que várias vezes e formidavelmente nos temos referido, envia a seguinte carta à Associação dos Chauffeurs:

«Prezados camaradas: — Impressionadíssimo pelo cobarde atentado que exerceram mãos criminosas na pessoa do nosso camarada Jorge Gentil, vos patenteio o meu mais veemente protesto.»

— A Associação dos Chauffeurs tem recebido, além de outros, telegramas de protesto e de solidariedade dos chauffeurs da Síntia, do Porto, da Curia, dos chauffeurs do sul actualmente no norte e dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

— Nesta redacção recebemos o telegrama seguinte:

«BEJA, 25. — Os chauffeurs de Beja apresentam sentidos pesames pela morte trágica do nosso camarada Gentil. Joaquim Filipe Franco.»

Os chauffeurs de Cascais vieram todos encorajados no funeral.

O sr. Francisco Joaquim dos Reis cunhado do infeliz chauffeur Gentil, encontrou, durante o cortejo fúnebre, uma carteira pertencente a Manuel dos Santos, trabalhador da câmara municipal de Lisboa.

Sexta-feira, 28

## EDEN - TEATRO

Empresa Henrique Barreiros Ltd.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

PAU DE DOIS BICOS

ESTREIA DA

Companhia Rosimundo Fernandes

## A tragédia da rua dos Douradores

### Um dos sócios faz desaparecer os documentos do cofre

Noticiámos anteontem, numa pequena local, que no armazém de fazendas da firma Castro Rocha & C. L. sita na rua dos Douradores, 159, uma blindada aberta com chave falsa, uma gaveta, da qual desapareceram uma porção de valiosos documentos.

Como se tratava de um caso de certa gravidade, puzei-nos em campo e conseguimos apurar como o caso se passou.

No dia em que teve lugar a tragédia que pormenoridamente demos a público o sr. Vieira da Rocha um dos protagonistas da tragédia declarou no hospital de São José a alguns empregados do armazém que ali compareceram rápidamente de que uma determinada gaveta do cofre onde estavam arrecadados documentos de alto valor, fosse aberta na presença da autoridade.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

venção possa ser utilizada.

Resolreu então deixar bem vincada a sua repulsa pelos atentados pessoais que ensanguetaram o último movimento político.

Terminado o conselho de ministros, o novo governo dirigiu-se anteira a casa do Presidente da República, afim de instar mais uma vez com o sr. António José de Almeida para desistir do seu propósito de resignar.

O sr. Vieira da Rocha, que foi doido com o dossiê, mandou imediatamente a direção da firma Castro Rocha & C. L. que o caso fosse encarado, solicitou a vinda ao quartel de forças que se proponham encontrar a solução precisa desde que a sua inter-

## Conselheiros ou patrões?

(A propósito das ordens de Moscovo)

Nós não negamos ao representante russo, do partido comunista russo—representante do partido da burocracia comunista, a ditadura comunista ou o novo governo de vir até nós e de fazer a crítica dos programas e dos métodos dos nossos partidos socialistas.

Um movimento de ideias e de factos que tem uma razão internacional de existência, e de desenvolvimento, deve necessariamente acelerar, e até procurar, a crítica e o apoio internacional de todos aqueles que se interessam por esse movimento.

Mas o representante russo veio aqui não só para dar conselhos ou para fazer críticas... mas para — depois de ter feito as suas críticas energéticas — pescar os olhos, exigir-lhe todo o sentimento: devem fazer assim; devem fazer isto.

Os russos, na Rússia, participantes da ditadura do proletariado, como ditadores, como altos e baixos comissários ou como simples empregados, possam permitir-se o belo gesto de olhar ao próximo, que no partido não é nada, com a soberba de coroa tsarista... é coisa que se explica. Mas que é essa: vão para a sua terra ordenando para direita e para a esquerda, aos socialistas, aos comunistas, aos sindicalistas (e até o seu tentado com os anarquistas): devem fazer isto; as ordens são aquelas... parecem-nos uma deformação profissional, que não só irrita os nervos, a quem nervos tem, mas que chega a um resultado diametralmente oposto daquele que pretendem os missionários da revolução russa, ou melhor, do governo russo.

Mas já que a doutrina se está propagando na Itália, tendo já aparecido no meio do proletariado italiano aqueles que dão ordens... à russa, ou se se prever, por respeito aos direitos de preceência teórica, à alemã... pensamos que é tempo de dizer a estes senhores que veem de tam longe fazer de comandantes e impor a sua vontade aos nossos socialistas, aos nossos comunistas e aos nossos sindicalistas: isto é, ao nosso proletariado — pensamos que é tempo de lhes dizer que aqui para nós, o socialismo, no complexo das suas aspirações e programas, foi sempre, acima de tudo e sobretudo, desejo, ardente de liberdade. Se os ditadores do proletariado russo não compreenderem isto, se não o querem compreender os aspirantes a ditadores do proletariado italiano... tanto pior para elas.

Pois que lhes fará justiça o ridículo. Abrimos as portas de casa a todos os camaradas do mundo, russos e não russos, que vêm até junto de nós para nos aconselharem, para nos criticarem e para nos oferecerem os tesouros da sua ciência e da sua experiência...

Mas ponhamos de parte os que nos trazem ordens.

Gigi DAMIANI.  
(Da Unidade Nova).

## Uma prisão

A P. S. E. capturou António Neves, mais conhecido pelo Cacholas, operário do Arsenal da Marinha, por suspeita de que é ao que nos informam uma ação muito grave.

## Revoltinos

Rapazes! Quando em morrer  
Meu logar é no guincho  
Porque, às vezes, pode ser  
Que algum espero, por engano,  
Que venha ainda a comer.

Toda a vida fui comido;  
Tenho, apenas, pena desse  
Como um cão que visto  
Sempre de canha ao peisco,  
A hora sempre metido.

Com a diferença, porém,  
Que ao botar em risco a ração.  
Aliás não é nenhuma benta;  
Mas é o que me dá  
Não faz inveja a ninguém.

Ó minha mãe das trabalhos,  
Para que trabalhos eu fiz?  
Só come usava os seus filhos;  
Não tenho satisfação de meus  
Roupa no prego, em frangalhos.

A minha carcassa leve-a  
O demônio, quando eu morrer.  
E lá no gabinete entregue-a  
Salvo no caso de eu ter  
Aí a censura preta.

J. B.

Aceitam-se agentes e correspondentes nas terras onde ainda os não haja

26-10-1921 — Folhetim de A BATALHA — N.º 17

Romance inédito por MÁRIO DOMINGUES

## AREVOLTA DA CARNE

## SEGUNDA PARTE

## Do adultério à prostituição

## CAPÍTULO IV

## O paradeiro dos Meneses

Tarde, muito tarde escrevera uns versos que não podia fazer chegar ao seu destino por falta de portadora — a Maria que a antiga peixeira prudentemente despedira.

A educação de donzela, que os avôs lhe haviam dado, fizera dele um ente sem alegria, sem energia para a luta implacável pela vida. António de Meneses resignou-se com a sua sorte; limitou-se a chorar silenciosamente a perda da felicidade e a concentrar-se numa perpétua tristeza.

Ao cabo dum mês de infrutíferas tentativas o poeta conseguiu um emprego numa livraria. A avô viu entrar de faces radiantes e chorou de alegria antes de escutar a novidade. Era a salvação. Cincocento escudos mensais e gratificação no fim do ano. Aquela parceria ordenada parecia-lhe uma fortuna. Abraçaram-se ambos muito

comovidos. E D. Quiteria, afagando a cabeça loura do neto, como lhe fazia carinhosamente o pequenino, repetia: «Estás um homem! Já ganhas para casa. Estás um homem!»

O emprego modesto não era para António o simples amparo material, o seu espírito luxurava também. Sempre que se lhe oferecia uma ocasião propicia devorava ansiosamente extensas páginas dos poetas ou deliciava-se com a prosa dos melhores escritores.

António era quasi feliz. A paixão romântica pela Lili adorava-ne no seu íntimo, deixara de fazê-lo sofrer intensamente, como uma ferida sarada em falso. Certa manhã, porém, quando do fundo do estabelecimento olhava distraído a sua tumultuosa, o seu coração tam calmo sobre-sassentou-se subitamente. Um eloito branco, de longo pelo, acabava de passar saltitante junto da porta. Correu a espreitar curioso e reconheceu o Fiel.

E mais além, no passeio fronteiro, descobriu a Lili que, pelo brago dum jovem elegante, seguia emborrada numa conversa íntima.

## CAPÍTULO V

## O tormento da Lili

As relações, a comégo leves, entre a Lili e o pintor foram-se estreitando, pouco a pouco. Durante dias seguidos, sem combinação prévia, encontraram-se na praia da Cruz Quebrada. De resto, era desnecessário que as suas bocas, rebeldes em proferir palavras que revelassem

qualquer pacto solene. Ambos advinham que uma força oculta — talvez a atração da sua mocidade — os impelia um para o outro. Os encontros eram, pois, inevitáveis porque secretamente os desejavam.

Uma certa reserva, um quê invisível, que se sentia apenas, do pudor, de onestidade, fazia hesitar Jorge. Antunes em desnudar as suas palavras vagas, mostrando nitidamente o que elas tentavam traduzir — amor. Após uma semana feliz de relações superficiais, ainda o jovem não conhecia a Lili. Nada sabia da sua vida íntima.

A sua atitude reservada, misteriosa, não o deixava ler claramente a paixão sua ainda incerta, como a luz bruxeleante dum velo, que começava a arder no seu coração. Havia por vezes frases simples, gestos imprecisos que Jorge tomava por uma confissão de amor. Mas quase a seguir a subita seriedade severa que se desenhava no seu rosto belo, o franziu da sua testa pequena, esfriavam a calorosa esperança do pintor.

Decorreram alguns dias num ambiente frio. Ela, silenciosa e enigmática, a ver a casaria da outra margem reproduzindo-se, minúscula, sobre a tela branca; ele, assobiando um trecho mutilado de ópera italiana, todo embrulhado no cor, nas vibrações da bruma distante. Não chegavam então a trocar meia dúzia de frases monotonas, sem consistência, que se diluíam no silêncio da natureza que os envolviam.

Uma tristeza doce, uma angústia amena, penetravam lentamente a alma de Jorge. Aquela incerteza, aquela hesitação faziam-no sofrer. Chegou,

gava a sentir-se ridículo; a não compreender motivo que o levava a espreitar ansiosamente o horizonte, quando Lili tardava em aparecer graciola, lá longe, a sua sombrinha clara agitada pelo vento, caminhando lentamente para os rochedos onde se instalara. Se ela não o amava, se fazia descer um véu sombrio sobre o seu rosto moreno, quando ele, entusiasmado, profria alguma palavra que ia mais além da simples amizade, porque razão, preguntava-se irritado, vinha a Lili todos os dias de Lisboa até aquela praia longínqua? Seria sómente para contemplar a casaria graciosa da outra margem? Desejaria apenas ouvir o marulhar das ondas quebrando-se na praia?

Lembrava-se que uma vez, ao vé-la surgir lá em baixo, numa quebra da praia, se ocultara atrás dum rochedo, espreitando-a. Lili chegara ofegante ao lugar habitual e, não o encontrando, espraiou em redor o seu olhar ansioso durante muito tempo. Procurava-o certamente. Por fim, o pintor surgiu de súbito, muito alegre e sorridente.

Causou-me tanta tristeza não o encontrar — murmurou ela, corando.

— Faz-lhe assim tanta falta a minha presença? — interrogou Jorge, o olhar iluminado o rosto suspenso numa frase animadora que portava viéses dos lábios vermelhos da Lili.

Leonor tornou-se subitamente séria, fitou encantada a rocha dura e disse, afectando indiferença:

— Gosto muito de vê-lo pintar. E o jovem não soube adivinhar naquela frase amor que não sentia.

mar os impulsos do seu coração; não se apercebendo do medo horrível que ela tinha de atrair ao seu velho caricato que era o seu marido e o seu maior desgosto.

Lili, a sós, de noite, pensando nesse rapaz elegante que a adorava — ela bem o sabia — torcia os seus punhos desesperadamente, arrependida de ter casado com um homem que não amava, que nunca poderia amar. O seu ódio profundo visava então a moral estipida de seus pais, que torceram sempre impiedosamente as suas naturais inclinações. Avaliava agora a tortura de não casar por amor. O seu casamento ilógico, fora dos moldes da Natureza — embora dentro da moral incorreta que imperava no mundo, fomentando desgraças, amarguras, sofrimentos — era as algemas brutais da sua carne, a tortura inominável do seu espírito. Comprendia então que o amor devia ser livre, sem pesas que desvirtuassem a sua beleza incomparável. Essa ligação hipócrita que seus pais a obrigaram quasi a aceitar e a que ela, ávida dum pouco de sossego para o seu espírito, ansiava molemente, sem resistência nobilitante, impelia-a, como uma força incógnita e irresistível, para o adultério.

Mas teria o direito de atraí-lo o bom Bernardino, coitado, esse pobre diabo que confiamente entregava a honra nas suas mãos fortes?

Não. Presentava que não tinha esse direito; fôr ela que, torpemente, levava ao velho negociante uma esperança de amor, duma vida inegualável de felicidade; fôr ela quem o iludira com um

## O que deve ser a escola primária

Como a Confederação Geral do Trabalho veria satisfeitas as suas aspirações sobre educação da infância

Transcrevemos a seguir, conforme no nosso editorial mencionámos, as bases da escola primária da autoria do dr. sr. Faria de Vasconcelos, apresentadas ao Congresso Cooperativista, realizado em Junho p. p.

Este trabalho, dos mais perfeitos que ultimamente tem aperecido, é inteiramente perfilhado por nós. Neste momento em que a desmoralização e a degenerescência campeiam; neste momento em que a humanidade se debruça ansiosa sobre o futuro enigmático que se avizinha, só a renovação completa da perfeição espiritual nos pode dar esperança em dias melhores.

E' necessário arrancar à obscuridade milhares de cérebros que, uma vez cultos, podem contribuir com energias novas, com intuições sárias para a remodelação da sociedade.

E' para lamentar que a classe dos professores primários, apesar algumas exceções, tam pouco se tenha preocupado com a remodelação do ensino primário em Portugal. Estamos convencidos, porém, de que esta classe, compreendendo a gravidade da hora que atraímos, só a renovação completa da perfeição espiritual nos pode dar esperança em dias melhores.

Também os intelectuais, principalmente aqueles que já alguma causa de profício se estabeleça.

E' necessário arrancar à obscuridade milhares de cérebros que, uma vez cultos, podem contribuir com energias novas, com intuições sárias para a remodelação da sociedade.

Os homens de consciência sádia e intuições sárias que coadiuvarem nesta ocasião a ação da C. G. T., contribuem para um movimento renovador, que de facto pode ser, mais do que nenhum outro, o inicio dum verdadeiro movimento de salvamento pública.

1—O Edifício Escolar

Base 1.º — A reconstrução escolar deve obedecer aos mais adiantados princípios de higiene e de educação.

Base 2.º — O tipo de construção escolar não deve ser uniforme para todo o país, mas variável segundo as condições naturais de cada região, clima, etc.

Base 3.º — A escola deve estar situada na periferia dos centros de populações e dispor, além das instalações interiores para aulas, laboratórios, oficinas, etc., de terreno suficiente para: a) um vasto campo de jogos; b) jardins escolares.

2—Inspecção médica e enfermagem escolar

Base 4.º — O serviço da inspecção médica-escolar será assegurado: a) por um médico escolar; b) por enfermeiros escolares.

Base 5.º — O médico terá a seu cargo: a) a inspecção dos locais, material e mobiliário escolares; b) a inspecção dos alunos — exame físico, clínico fisiológico, etc.; c) o controlo da educação física; d) a educação moral e social.

Base 6.º — As enfermeiras escolares ajudarão o médico nas consultas; b) cuidarão das caderetas médico-escolares; c) farão a inspecção quotidiana das crianças (exame dos olhos, ouvidos, garganta, nariz, cabedos, etc.) para descobrir os sintomas de doenças contagiosas e tratar as afecções insignificantes; d) vigiarão o acção pessoal, a higiene da escola e a observância das prescrições médicas; e) a desinfecção do material escolar, etc.

Base 7.º — As enfermeiras escolares terão a seu cargo a visita das famílias para estabelecer a união entre a escola e o país; a) informando estes da vida, progressos e deficiências dos seus filhos, propagando noções de higiene e de educação, conhecendo as causas de inassidência escolar, etc.; b) informando a escola do ambiente familiar das crianças;

Base 8.º — Para o efeito da inspecção a escola disporá de: a) sala para as consultas; b) sala de isolamento; c) farmácia escolar; d) clínica escolar.

3—Condições de admissão e duração dos estudos

Base 9.º — Não serão admitidas na escola as crianças: a) anormais; b) com menos de sete anos de idade; c) com um desenvolvimento geral que reclama cuidados especiais.

Base 10.º — Para o efeito da base anterior será feito um exame médico e fisiológico rigoroso.

Base 11.º — O organismo cooperativo provêrá a criação das escolas para anormais de escolas ao ar livre e de colónias de férias.

Base 12.º — A duração dos estudos será de 7 até ao 12 anos. Os três primeiros anos formarão o primeiro grau, os três últimos o 2º.

4—Educação física

Base 13.º — Os exercícios físicos que devem ser praticados na escola são: a) jogos e brinquedos; b) trabalhos manuais; c) jardinagem; d) passeios e excursões; e) natação.

Base 14.º — Será totalmente suprimida a ginástica excepto a correctiva, indicada pelo médico.

Base 15.º — Relativamente aos jogos, observar-se-hão as disposições seguintes: a) será criado em cada escola pro-

## Teatros

## Notícias

Na próxima sexta-feira sobe a cena no Eden Teatro em primeira representação a fantasia-revista *Pau de dois bicos*, peça que serve para inauguração da época de inverno pela Companhia Nascimento Fernandes.

## Reclames

Com a aproximação do dia 28 cresce a atração do público por ver o grande espetáculo «Jerusalém», encenado a 25 de Novembro por José Monteiro val inzer a sua apresentação, este época, no teatro de S. Carlos. Encenada encenada por António Pinheiro, a peça «Jerusalém» vai, por certo, fazer grande sensação, não só pelo seu entrelado, mas também, como é natural, pelos artistas que a encenam. São artistas de categoria, bem queridos de público, como São Amaro, Ruy Colaço, Maria Júdice, António Pinto, Henrique de Albuquerque e Robert Monteiro.

— No dia 29 Foz, de dia e de noite com a maior actividade, o actor Martins dos Santos está ensaiando a nova revista «Bichinha Gata», que tem a sua estreia musical.

— Como prevímos o espetáculo de ontem Apolo com uma autêntica eacheira foi um rotundos sucesso a Schwalbach que é a maior parte da sua festa com a 15.º do Teatro Lebre.

Bastam as rabiolas e os papéis de Hexique, Alves, Roldão, e Alvaro Pereira e o quadro de comédia para que a peça siga a sua carreira triunfal de rventura até final da época.

# Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes  
Cura rapidamente

Catarros, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e expressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores;

2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e porfúrias as pessoas que temem suportar óculos dívididos porque as dentes são perigosos;

3.º São usados pelas pessoas edosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crônicos, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes os sonhos reparadores seguidos;

4.º Limpa o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

## O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o catarro gástrico;

6.º Desenvolve o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;

7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo sancha o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, percorrendo-as das doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diphtheria, angina, etc.

## Há conveniência em engulir o fumo.

### PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

**Vicente Ribeiro & C.ª Suc.**

Rua dos Fanqueiros, 84, I.º D

## FERRAGENS E FERRAMENTAS

**Valério, Lopes & C.ª L.**

Teléfones (central) 2778 e 3478

Ferramental completo para todos os ofícios  
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,  
latão, zinco, chumbo e arames diversos.  
Carros, vagões e todos os pertences de material  
de escavação.

22, Largo de S. Julião, 23  
Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7

LISBOA

## GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1921

Seguros de incêndio de sereias

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de Companhias estrangeiras COBRA SÓ METADE DOS PREMIOS até aqui esta sendo paga nos seguros de cereais e palhas.

ALÉM DISSO, A MUNDIAL NADA COBRA a título de ENCARGOS ou contribuições pois que estas são por ela integralmente pagas.



**A MUNDIAL**

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.693\$14,7  
SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO  
R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

## Obras de literatura, ciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima — Educação e ensino...	1800	Jaime Cortesão — Aids e Era (1.º vol.)	1800
Alfred Binet — A alma e o corpo...	250	Jean Cruet — A vida do direito...	2500
Alfred Neves Dias — Razão (poco meto social)...	905	Laisant — Iniciação matemática...	2000
Bonatti — Artes da estudo...	1800	Le Bon — Evolução geral da vida...	800
Bryssel — A vida social...	800	Manuel Ribeiro:	
Clemente Janquinot — História Univer-	4000	A Catedral...	250
versal (2 vols.)...		Imperios Verdade...	820
Golson:		O sentido de viver (versos)...	1800
Organismo económico e desordem social...	250	Mirbeau:	
Uante:		O Jardim dos Supícios...	1800
A ciência e a vida...	2800	Memórias dum criado de quarto...	3000
Mecânica da vida...	1800	Neno Vasco — O Peccado de Simona	1800
Dastre — A vida e a morte...	2800	Toistoi — Sonata de Kreutzer...	1800
Ernesto da Silva — Teatro lírico e Arte social...	95	Vitor Hugo:	
Faguet:		Francia e Belgica (2 vols.)...	3800
Iniciação literária...	5000	Han d'Islândia (2 vols.)...	3800
Arte de ler...	1800	Noventa e três (2 vols.)...	5000
Horror das responsabilidades...	1800	O homem que ri (3 vols.)...	4800
Fiamarion:		O Reno (5 v.)...	4800
Iniciação astronómica...	2800	O último dia de um condenado...	1800
Astrofísica pop... (2 vols.)...	650	Zola:	
Curiosidades astronómicas...	90	Alegria de viver (2 vol.)...	500
Corck:		A conquista de Plassana (2 vol.)...	500
Os degenerados...	1800	A fortuna dos Rougons (2 vol.)...	5000
Os vagabundos...	1800	O sr. ministro...	2000
Scènes de família (teatro)...	1800	A taberna (3 vols.)...	4800
Os espetros (teatro)...	1800	Pariasso das Damas (2 vol.)...	3000
		Tereza Raguim...	1800

Reinach — História das religiões...	1800		
Strauss — A velha e a nova fé...	1800		
Toulouse — Como se deve educar o espírito...	1800		
		Preço \$10 — Pelo correio \$13	

### BRIMIZ DE FERRAGENS

#### FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, guarnições para móveis fundos para cadeiras, mós de esmeril

Henrique G. Silva, Limitada

Especialidade em artigos para carpinteiros, marceneiros, maleiros, cortadores, segadores, serraleiros, ferradores, correiros, sapateiros e outros ofícios

Novidades em ferramentas e artigos americanos

384, R. dos FANQUEIROS, 888-LISBOA

Telefone — Central, 3528

Escríptor Retem: — 8, 10, 12, Travessa Nova de S. Domingos, 18 e 20

A Batalha

JOSÉ OTÍCICA

PRINCÍPIOS E FINS DO PROGRAMMA COMUNISTA - ANTONIO JISTI

Preço \$10 — Pelo correio \$13

Pedidos acompanhados da respectiva im-

portância à administração de A Batalha.